

O SUJEITO PRONOMINAL DE 1ª PESSOA EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM MANAUS

Isa Cristina Barroso Pereira¹
Profa. Dra. Silvana Andrade Martins²

*Só assim eu entendi o que é que você fez
ao me perguntar sobre o amor (...)*
(Canção de um certo Pedro – Projeto Sola)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a verificação no uso do Sujeito Pronominal de 1ª pessoa do singular em textos narrativos de alunos do Ensino Fundamental II em Manaus. Esta verificação do sujeito tenciona diretamente nas categorias Preenchida e Nula. É uma pesquisa de natureza Quantitativa e possui como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista, destacando Labov (1972) e Mollica (2008); a Linguística Textual, entre os destaques Bonifácio & Maciel (2010) e Tatit (2018); e alguns dos estudos sobre Sujeito Pronominal que foram realizados no Brasil, especificamente Duarte (1995) e Novaes (1997). Por meio deste objetivo, este estudo também verifica se as tendências de uso do sujeito pronominal de 1ª pessoa na escrita apresentam ou não as mesmas tendências de uso na fala. Os resultados gerais das análises apontaram que a categoria Nula ainda se sobrepõe à categoria Preenchida, diferentemente de alguns estudos voltados para a oralidade que mostram exatamente o contrário.

Palavras-chave: sociolinguística; sujeito pronominal; sujeito nulo; sujeito preenchido; 1ª pessoa do singular.

1. Considerações Iniciais

Toda língua passa ou está passando por mudanças. Dentre muitas coisas, essas mudanças mostram como os contextos contribuem para diversas possibilidades de comunicação, seja em um discurso oral ou escrito. Com os avanços dos estudos sobre a Linguística do Texto, houve o desenvolvimento de pesquisas que mostravam um vínculo entre a Linguística Textual e a Sociolinguística. Eventualmente, esses trabalhos foram colocando novas perspectivas para alguns linguistas da época, pois, a partir daquele momento, as análises poderiam abordar o uso da língua em outras situações, sejam elas mais amplas e informais ou no âmbito formal da escrita.

A variação que será abordada neste trabalho se trata de um estudo crescente no âmbito da linguística: o Sujeito Pronominal. Dentre vários contextos, o sujeito pronome possui diversas funções na língua que levam a variações constantes em seu uso, tanto na fala quanto na escrita, proporcionando pesquisas de diversas naturezas sobre este ramo. Nessa perspectiva de estudo, busca-se verificar as ocorrências do Sujeito Pronominal de 1ª pessoa do singular no contexto da escrita, comparando-as entre as categorias preenchida e nula. Nesse sentido, considerando

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: icbp.let16@uea.edu.br

² Professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Amazonas (UEA). E-mail: smartins@uea.edu.br
Composição da banca: Profa. Dra. Silvana Andrade Martins (Orientadora); Prof. Dr. Valteir Martins (UEA) e Profa. Dra. Renata Nobre Tomás (UEA).

Local: Escola Normal Superior – Sala Dalva Santiago.
Manaus, 01 de novembro de 2019.

as tendências pelo uso da categoria preenchida em relação à nula no âmbito da fala – resultado demonstrado por pesquisas realizadas no Brasil –, levanta-se a seguinte problemática: na modalidade da escrita, há, também, a tendência pela categoria preenchida? A hipótese inicial formulada neste trabalho é que a escrita estaria tomando o mesmo caminho que as preferências apresentadas no contexto da oralidade.

Este artigo está organizado em três seções: 1^a) Aporte teórico, onde serão abordados a teoria da Sociolinguística Variacionista, a conexão entre Sociolinguística e Linguística Textual e o sujeito pronominal e seus estudos no Brasil; 2^a) Procedimentos metodológicos, a qual dispõe sobre a delimitação do objeto de estudo, constituição do *corpus* de análise, a coleta e tratamento dos dados, os quais foram quantificados por meio da aplicação do programa estatístico *GoldVarb X*; e 3^a) Análise e discussão dos dados, onde são considerados os seguintes grupos de fatores linguísticos: conjugação, tempo e modo verbal, período da sentença, entre outros; e tendo como fator extralinguístico o gênero do produtor do texto. Na sequência, apresentam-se as considerações finais.

2. Aporte Teórico

Nesta primeira seção, será tratado diretamente os embasamentos teóricos deste trabalho. O primeiro diz respeito à teoria da Sociolinguística Variacionista, pois, como o próprio nome diz, é um campo de estudo voltado para as variações existentes dentro de uma língua. Em seguida, uma exposição sobre a Linguística Textual e sua relação com a Sociolinguística, considerando que esta pesquisa busca verificar uma variação linguística na modalidade da escrita. Por último, será tratado mais diretamente sobre a concepção de Sujeito Pronominal e a exposição de alguns estudos realizados no Brasil nesta área, a fim de mostrar que este é um campo de pesquisa que se mostra cada vez mais relevante no português brasileiro devido à dimensão e aos desdobramentos de seus resultados e análises.

2.1 A Sociolinguística Variacionista

Ao discorrer a respeito da teoria Sociolinguística Variacionista, é pertinente iniciar pela definição do conceito de Sociolinguística. Observa-se, na composição desta palavra, o uso do radical de outras duas palavras: *Socio* (*Social*) + *Linguística*. Sendo assim, antes de tudo, a Sociolinguística trata da relação entre o âmbito social e a língua que pertence a esse contexto. Cezario & Votre (2008, p. 141) definem a Sociolinguística como “uma área que estuda a Língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos

sociais e culturais da produção linguística”. Isso significa que não é apenas o seu sistema linguístico interno (estrutural) que será considerado nos estudos sociolinguísticos, mas também os fatores sociais e culturais da comunidade onde essa língua é falada. Outra definição colocada de forma objetiva por Mollica (2008, p. 9) a respeito da sociolinguística diz que:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a Língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2008, p. 9).

A heterogeneidade da língua é uma das principais características do sistema linguístico considerada no âmbito da Sociolinguística. Para o estruturalismo saussuriano, esse sistema linguístico deveria ser estudado em sua homogeneidade e explicado em sua imanência, em seus aspectos fonético- fonológicos, morfológicos, sintáticos. Estudar a Linguística observando seus aspectos culturais e sociais são resultados de ramificações de teorias nas linhas do funcionalismo que se desenvolve no interior do Círculo Linguístico de Praga, de base estruturalista, e no próprio estruturalismo norte-americano, nas perspectivas teóricas de Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin Whorf, entre outros. Willian Labov evidencia esse novo enfoque de estudo da língua ao afirmar que “uma simples revisão da literatura me convenceria de que tais princípios empíricos não tinham lugar na linguística: existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária” (LABOV, 1972, p. 13). Isso demonstra que variáveis sociais, em referência à língua, não eram discussões consideradas no âmbito acadêmico.

Em meados dos anos 60, Labov iniciou seus estudos em ambientes sociais e cotidianos. Aos poucos, o autor foi percebendo que a Língua tinha seu espaço nessas experiências e o quanto era necessário um ramo que considerasse tais fatores. Nessa perspectiva de estudo, ele relata em seu livro que um dos maiores nomes que o influenciou nessas reflexões teóricas foi seu professor Uriel Weinreich, que publicou, junto com Marvin Herzog, um ensaio³ que contém uma série de trabalhos realizados por estes dois últimos e acompanhados de várias questões levantadas por Weinreich. As contribuições foram tão significativas que, ainda no livro, Labov destaca a introdução deste ensaio escrita por Weinreich, que resume a relevância da Sociolinguística e dialoga com o conceito de heterogeneidade, mencionado inicialmente.

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois, quanto mais os linguistas têm ficado impressionados

³ Empirical foundations for a theory of language change. In: *Directions for Historical Linguistics: a symposium*, editado por W. P. Lehmann e Yakov Malkiel, Austin-London, University of Texas Press, 1975, p. 95-199.

com a existência da estrutura da língua [...], mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para o outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...]. (WEINREICH, LABOV & HERZOG 1968; 2006, p. 100-101 *apud* LABOV, 1972, p. 16).

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos, é possível ter uma visão ampla e dinâmica do que está acontecendo na língua que falamos, além de novas perspectivas sobre outros sistemas linguísticos, sendo eles mais conhecidos ou não. Isso significa que, por meio dos estudos científicos, a Linguística é capaz de mostrar quais mudanças aconteceram ou estão acontecendo e quais são as tendências de mudanças que podem ocorrer daqui a alguns anos dentro de uma determinada língua, como, por exemplo, palavras que eram usadas e agora não são mais, variáveis de um mesmo léxico, neologismos que deram espaço a novas palavras e expressões cotidianas, e assim sucessivamente. Todos esses fenômenos permitem que a língua possua suas diversas variações. As variações linguísticas mostram um princípio de alternância de um mesmo elemento dentro da língua e abrangem vários tipos de natureza linguística: no campo lexical, com o uso de várias palavras e expressões para um mesmo objeto; fonético-fonológica, tratando-se das diferentes formas de pronúncia de uma mesma palavra ou morfema; de natureza morfossintática, por se caracterizar pelas variações linguísticas observadas dentro de aspectos mais estruturais da língua e assim sucessivamente.

Todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de *invariante*. Mas, além das regras *categóricas* ou *invariantes*, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras *variáveis*. Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna e estrutural, como de ordem externa ou social. (MONTEIRO, 2008, p. 58).

Neste trabalho, a variação que foi analisada trata-se de uma alternativa de uso entre o preenchimento do sujeito pronome dentro do texto e a anulação deste mesmo sujeito na composição textual, mostrando que há duas alternativas de representação deste pronome no enunciado e que, dependendo do contexto, dos fatores linguísticos e sociais, as ocorrências dessas alternativas podem variar de situação para situação. Portanto, as categorias Preenchida e Nula foram consideradas como as variáveis dependentes deste estudo, enquanto outros fatores linguísticos internos (conjugação do verbo que acompanha o sujeito, as vozes discursivas do texto, entre outros) e sociais externos (gênero do produtor do texto) foram as variáveis independentes para a investigação desta pesquisa.

2.2 A Sociolinguística e a Linguística do Texto

Embora a Sociolinguística seja uma área do conhecimento de grande relevância e repercussão científica nos dias atuais, sua concepção de análise linguística é recente se comparada com outros campos da Linguística. No século XX, quando os estudos de Saussure tornaram-se conhecidos e a Linguística começou a ser reconhecida como uma ciência, uma das questões defendidas por ele era de que “a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1916, p. 271), dando origem a uma das maiores e principais teorias linguísticas: o Estruturalismo. Em termos simples, essa linha teórica considera a estrutura interna de uma língua, ou seja, seus elementos gramaticais, ligados por regras que não podem ser quebradas para que não haja falha na comunicação entre seus falantes. Diferente da sociolinguística, os fatores sociais e culturais destes falantes não são tão relevantes, o que caracteriza o significado de “a língua por si mesma”, bem como o termo “estruturalismo”. Seguindo esta linha de raciocínio, a seguinte citação mostra um conceito teórico acerca da teoria do Estruturalismo Linguístico:

Saussure [...] enfatizou a ideia de que a Língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura [...]. O estruturalismo, portanto, compreende que a Língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema. (COSTA, 2008, p. 114).

Como dito acima, os estudos de Saussure como percussor do estruturalismo trouxeram inúmeros avanços para a linguística; no entanto, apesar das concepções dele acerca deste ramo teórico terem sido consideradas, por muitos anos, como a maior referência para os estudos linguísticos, houve, naturalmente, muitas críticas em relação à concepção de língua, os seus objetos de estudo e suas metodologias de análise. Marcuschi (2008, p. 31) explica sobre uma das dicotomias fundamentadas por Saussure, que relaciona a Língua e Fala (*Langue e Parole*): “A *parole* era a visão da língua no plano das realizações individuais de caráter não-social e de difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação, e a *langue* era a visão da língua no plano social, convencional e do sistema autônomo”. Isso mostra que *língua* e *fala* não poderiam ser separadas uma da outra, e, no entanto, as metodologias e análises apontavam unicamente para a estrutura interna da língua.

Essa breve abordagem sobre a concepção da Linguística como ciência e do desenvolvimento da teoria Estruturalista serve como ponto de ligação para estabelecer o

raciocínio de que os estudos na Linguística passaram por muitos avanços, gerando novas abordagens teóricas e metodológicas; tais desenvolvimentos ocorreram tanto na língua falada, quanto na língua escrita e também se ampliou a unidade de análise que do nível frásico se estendeu para o transfrásico, passando o texto ser a unidade de análise, nas chamadas Teorias do Texto. Entretanto, tendo o texto como uma unidade de análise, essas teorias enfrentam seu primeiro desafio: a definição de seu objeto de estudo. Havia uma dificuldade em conceituar de forma objetiva o que é *Texto*, focalizando particularmente o texto escrito e não circunscrita aos literários. Contudo, essa concepção era bastante restrita porque as gramáticas se limitavam apenas em compreender o processo de construção de uma frase/texto, como conjunto de relações morfossintáticas e semânticas estabelecidas no âmbito de uma frase e/ou oração simples e suas combinações em períodos compostos.

Os estudos linguísticos voltados diretamente para o texto iniciaram-se na Europa, na década de 60, estando entre os pioneiros nesse ramo o lexicólogo lituano Algirdas Julien Greimas (TATIT, 2018, p. 187). Para ele, as análises linguísticas não estariam na frase, mas sim no conjunto ao qual ela faz parte e no processo verbal (e pragmático) que ela acarreta ou pode acarretar em determinada situação textual porque uma única frase, estando em seu produto final ou não, pode levar a diversas mudanças de estado e interpretações, indicando que essa simples construção não carrega um peso limitado, mas que ela faz parte de um processo que pode levar a outros caminhos. Na seguinte citação, ainda em Tatit, ele explica como que este processo pragmático dentro de uma frase se desenrola, considerando, não apenas, as relações semânticas e sintáticas entre os termos da frase, mas toda a relação da frase com o seu “ambiente externo”:

A centralidade do processo verbal numa frase simples como “O pai dá um presente ao filho” permite que identifiquemos uma pequena encenação com personagens (“pai” e “filho”) e coisas (“presente”) e que presenciemos uma transformação de estados. Ou seja, a frase indica, no mínimo, que o processo (“dar”) fez do filho sem presente um filho com presente. Esse espetáculo altamente condensado poderia ser o esquema básico de um imenso romance que narrasse as incontáveis peripécias de um pai que, obstinado pela ideia de fazer o filho feliz, não poupasse esforços para conquistar um determinado objeto e entregá-lo ao jovem no final da história (TATIT, 2018, p. 187).

A partir desse ponto, onde o texto não estaria apenas na sua construção sintática, mas ampliada para diversos sentidos a partir de seus elementos semânticos e pragmáticos, os estudos para a linguística do texto começaram a tomar rumos que diversificaram ainda mais a investigações da língua. Eventualmente, Greimas (1973 *apud* TATIT, 2018, p. 187) “[...] cuja principal indagação incidira sobre o sentido construído no âmbito do texto (e não mais da palavra ou da frase), a que chamou ‘semântica estrutural’ (1966) e, logo em seguida,

Semiótica”, começa a indagar que o texto vai além construção de frases sintaticamente bem organizadas: é tudo o que está nele e para quais caminhos esse texto pode levar, conforme diz a próxima citação:

O objeto de investigação da linguística textual não é mais a palavra ou frase, mas sim o texto, uma vez que os textos são formas específicas de manifestação da linguagem. Dentro desta perspectiva, a Linguística Textual ultrapassa os limites da frase e concebe a linguagem como interação. Assim, justifica-se a necessidade de descrever e explicar a língua dentro de um contexto, considerando suas condições de uso (BONIFÁCIO e MACIEL, 2010 p. 5).

Portanto, nessa esteira teórica, estabelece-se a conexão entre as teorias Linguística Textual e a Sociolinguística Variacionista. Neste contexto, uma propriedade que é fortemente atribuída ao texto diz respeito à Coesão Textual. Segundo Koch (1989 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 104), “tem se visto classicamente dois tipos de coesividade [...]: a conexão referencial (realizada por aspectos mais especificamente semânticos) e a conexão sequencial (realizada por elementos conectivos)”. Por isso, para além da gramática, o texto se constrói de vários elementos que vão além da junção de frases bem construídas. A dificuldade que havia no princípio em conceber *texto* por meio das descrições gramaticais através de uma frase, toma uma questão inicial que é sobre a abordagem da análise textual ser diferente da abordagem que é feita de uma frase isolada. Segundo Marcuschi (2008, p.99) “os processos de coesão dão conta da estruturação da sequência [superficial] do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.”. Isso significa que o processo da coesão na construção de um texto requer não somente o apoio dos elementos gramaticais, mas também da forma como estes elementos se relacionam com o texto e o seu contexto.

Construir um texto requer além de um conhecimento profundo das relações sintáticas entre os elementos de frases isoladas que, progressivamente, são colocadas em uma ordem sequencial. As possibilidades de “tecê-lo” apresentam inúmeras combinações que devem atender a determinados requisitos para que ele possa fazer sentido, ou seja, para que haja coerência. De forma geral, a sequência de enunciados, frases e períodos que compõem um texto são tecidas por meio de conectivos que, por sua vez, são palavras gramaticais que estabelecem noções relacionais e conjuntivas. A referenciação é um dos mecanismos de coesão que diz respeito à retomada de elementos colocados no discurso oral ou escrito, conforme é visto na seguinte citação:

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. Especificamente do ponto de vista da produção da escrita, podemos dizer que o escritor, por ocasião da sua atividade de produção, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição

e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer (KOCH 1999, 2002 *apud* KOCH e ELIAS, 2018, p. 134).

Por isso, concordando com Koch (2018), os mecanismos de coesão por referenciação empregados pelo escritor ao produzir seu texto se constitui de escolhas que ele faz operando sobre o material linguístico. Esse modo de construir o seu texto pode ser estabelecido por mecanismos tanto de coesão quanto por justaposição. Este último não utiliza conectivos, estabelecendo a relação entre os enunciados por parataxe.

A Linguística textual e a Sociolinguística estabelecem uma conexão na medida em que focalizam a produção do texto na perspectiva sociointeracional, ligado a um contexto variável conforme a intencionalidade do falante e outros fatores de natureza linguística e extralinguística. Isso mostra que o processo da escrita apresenta diversas maneiras de construção de um texto, que contribui, por sua vez, para os fenômenos de variação linguística.

2.3 O Sujeito Pronominal e seus estudos no Brasil

O Sujeito Pronominal, de modo geral, é definido pela gramática como o termo nuclear do Sintagma Nominal (SN) que preenche essa função oracional, concordando em número e pessoa com o verbo, é a ele que o verbo se refere. Castilho (2016, p. 289), ao conceituar o sujeito, faz uma seguinte abordagem:

O conceito de sujeito tem-se revestido de certa fluidez na teoria gramatical [...]. A abordagem multissistêmica da língua trata com naturalidade a complexidade de mais essa categoria linguística. [...]. Do ponto de vista sintático, considera-se sujeito o constituinte que tem as seguintes propriedades: (i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável por *ele*; e (v) pode ser elidido.

O autor prossegue mostrando que o sujeito, tendo essa propriedade multissistêmica na língua, pode ser preenchido de diversas formas e por diferentes classes gramaticais, assim como pode ser “elidido”, ou seja, não se superficializa na oração, sendo denominado pela gramática de sujeito oculto, categoria vazia ou sujeito nulo. A função de sujeito pronominal é preenchida pela classe dos pronomes pessoais do caso reto. Entretanto, no português do Brasil, há uma tendência de não realização desse constituinte oracional, como bem ressalta Duarte (1995) ao afirmar que o português do Brasil faz parte do grupo de línguas românicas que admitem o uso de sujeito nulo dependendo do contexto em que ele se encontra (grupo conhecido como línguas *pro-drop*, termo em inglês para indicar línguas que permitem um sujeito oculto). Para fins de demonstração, apresenta-se o seguinte exemplo: *Eu fui à feira comprar verduras*. Neste caso, o sujeito pronome está marcado na sentença como o termo que antecede ao verbo; no segundo

caso: *Fui à feira comprar verduras*, o sujeito pronome não se realiza por meio de uma forma linguística expressa, tornando-se uma categoria vazia e passa a ser identificado somente pela construção morfológica do verbo que o acompanha.

Além da posição do sujeito, as categorias vazias podem ocorrer em outros ambientes gramaticais da construção oracional em um sistema linguístico. Novaes (1997), em seu estudo que também aborda o sujeito nulo no português do Brasil (PB), afirma que as categorias vazias se tratam de “elementos mentalmente ativos, mas sem realização fonética, [...] evidenciam, portanto, a existência de algum tipo de expectativa semântica determinada aprioristicamente” (NOVAES, 1997, p. 60). Nessa definição, o autor realça que os elementos sintáticos, semânticos e contextuais farão com que o ouvinte/leitor desse enunciado identifique o sujeito a quem o falante/escritor está se referindo. Um dos mecanismos gramaticais de marcação do sujeito é expresso no português do Brasil (PB) por meio das desinências de modo, número, tempo e pessoa do verbo da oração.

Novaes (1997), ao realizar esse estudo sobre o sujeito pronominal, partiu de resultados de pesquisas anteriores a dele, as quais, já naquela época, mostravam que o PB apresentava uma tendência ao preenchimento do sujeito na fala do português brasileiro. O objetivo de seu estudo foi analisar as ocorrências do sujeito nulo tendo como *corpora* cinco entrevistas de rádio e televisão gravadas e transcritas. Apesar de não ser possível, para este trabalho, discutir profundamente sobre o estudo desenvolvido por Novaes (sob os riscos de desvio do foco), no geral, o autor percebeu que a frequência do sujeito nulo nesse *corpus* variou em função do tempo e da pessoa verbal. Em síntese, ele explica os resultados encontrados mediante os fatores que favoreceram o sujeito nulo, dos quais se destaca aqui os tempos verbais:

A análise da distribuição de sujeitos nulos em função do tempo verbal indica que a taxa de ocorrência de sujeitos nulos é sempre menor do que a taxa de sujeitos foneticamente realizados, com exceção do futuro simples [...]. A análise dos demais tempos verbais indicou a seguinte ordem de favorecimento do apagamento do sujeito: pretérito perfeito, pretérito imperfeito e presente. Esta hierarquia foi também encontrada por Duarte (1995), embora em outras proporções (NOVAES, 1997, p. 63).

Vale ressaltar que, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, ele faz uma análise que inclui todos os sujeitos pronominais, tanto do singular, quanto do plural. Duarte (1995), cujo estudo Novaes (1997) se refere, também estabeleceu como objetivo analisar a frequência de uso do pronome como sujeito no português do Brasil. Os resultados desse estudo apontaram uma “perda gradual da opção pelo sujeito nulo no Português do Brasil que pode ser atribuída à redução dos paradigmas flexionais” (DUARTE, 1995, p. 18), algo que, ao longo das análises

de Novaes (1997), pode ser observado, por exemplo, entre as flexões verbais entre o “Eu”, o “Nós” e o “A gente”.

O *corpus* trabalhado por Duarte foram textos teatrais de diferentes datas, escritos por autores brasileiros muito aclamados em suas devidas épocas. De modo geral, o resultado encontrado por ela foi: entre os anos de 1845 até 1918, as ocorrências de sujeito nulo variavam de 75% a 80%; entre os anos de 1975 até 1992 o sujeito nulo apresentou frequência entre 26% a 33%, evidenciando uma redução significativa em relação aos anos anteriores. Além disso, a autora destaca que apesar do *corpus* coletado não ser necessariamente a fala de um indivíduo, “o tipo de texto escrito das peças de teatro, embora não a reproduza fielmente, aproxima-se bastante da oralidade” (DUARTE, 1995, p. 21). Ela também mostra que a perda das propriedades do sujeito nulo nesse contexto não acontece da mesma forma para todos os casos porque isso varia mediante a pessoa e seu enunciado. Na análise desse mesmo *corpus*, a autora faz a seguinte comparação entre a 1^a, 2^a e 3^a pessoas:

O comportamento da terceira pessoa nos coloca diante de uma assimetria. Se, de um lado, parece estarmos perdendo a opção pelo sujeito nulo na representação dos sujeitos de primeira e segunda pessoas, de outro, continuamos a usufruir dessa opção para representar os de terceira, segundo o tipo de amostra utilizado. Tal fato, contudo, não invalida a hipótese levantada. De fato, a riqueza funcional do paradigma se perdeu, o que significa que teremos cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por Agr (DUARTE, 1995, p. 21).

Os estudos de Duarte (1995) e Novaes (1997) são exemplos de pesquisas que apontam, na oralidade, a tendência ao uso do sujeito preenchido em relação ao sujeito nulo. No entanto, como naturalmente ocorre em muitos estudos de abordagem no âmbito da sociolinguística variacionista, nem todos os eles obtiveram os mesmos resultados considerando as variações, mudanças linguísticas e suas variáveis contextuais, diastráticas, diatópicas e diafásicas. Nessa esteira teórica, um exemplo de estudo cujo resultado apontou para o uso mais evidente do sujeito nulo em relação ao preenchido é o de Cabana (2007), que investigou a frequência do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte no *tempo aparente* em relação ao *tempo real*. Em síntese, os resultados apontaram que o sujeito nulo encontrou-se mais recorrente na geração mais nova, enquanto que a mais velha apresentou uma tendência ao uso da variável preenchida. Isso indicou que o caminho das variáveis que estava sendo apresentado por trabalhos anteriores, como Duarte (1995) e Novaes (1997), referente a um intervalo de uma década ou um pouco mais, mostrou um sentido inverso no contexto investigado por Cabana (2007) na comunidade de fala de BH.

Portanto, há estudos que evidenciam tendência ao preenchimento do sujeito na fala em determinadas comunidades e, em outras, esse processo ocorre, mas de forma lenta ou, até mesmo, de forma contrária. Assim, considera-se importante investigar a categoria de sujeito pronominal no PB para conhecer o percurso dessa variação e seus fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos nesse processo, referentes não somente à fala, mas também à escrita. É nesse intuito que este estudo se apresenta, tendo por objetivo verificar o uso do sujeito pronominal, neste caso o de 1ª pessoa do singular em textos narrativos; ou seja, verificar o comportamento gramatical da categoria do sujeito pronominal, enfatizando a escrita de narrativas no âmbito escolar.

3. Procedimentos Metodológicos

Nesta Seção, expõe-se sobre os procedimentos metodológicos empregados para o desenvolvimento deste estudo, considerando seus objetivos e as etapas de análise. Trata-se de um estudo de natureza quantitativa. Portanto, todas as análises feitas e a descrição dos seus resultados possuem como propósito mostrar a frequência de ocorrências do Sujeito Pronominal Preenchido e do Sujeito Pronominal Nulo no contexto delimitado por este trabalho. Para isto, a metodologia foi dividida em 3 etapas: 1) Delimitação do *corpus* de análise e do seu objeto; 2) Técnicas de Coleta dos dados; e 3) Aplicação do Programa Estatístico *GoldVarb X*. Segue-se, depois disso, com a análise e discussão dos resultados, no terceiro tópico deste artigo.

3.1 Delimitação do *corpus* de análise e do seu objeto

Foram selecionados 25 textos narrativos, sendo 16 do gênero memórias literárias e 9 do gênero crônicas. Esses textos pertencem ao banco de dados do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Na época, as atividades estavam sendo desenvolvidas por acadêmicos dessa universidade em uma escola estadual que fazia parte do programa PIBID. Essas produções foram feitas no ano de 2016 seguindo a metodologia da Olimpíada de Língua Portuguesa⁴, um concurso de produção de textos para alunos de escolas públicas de todo o país. A Olimpíada de Língua Portuguesa se integra ao programa “Escrevendo o Futuro”, que tem por objetivo principal desenvolver ações que estimulem a prática da leitura e da escrita em escolas públicas de todo o Brasil.

É interessante ressaltar que “O lugar onde Vivo” é o tema das produções textuais da Olimpíada para todos os tipos de gêneros trabalhados. No programa, os gêneros ficam

⁴ Informações e cadernos virtuais disponíveis no portal do programa: <https://www.escrevendoofuturo.org.br>.

distribuídos em: I) Poemas: 5º ano; II) Memórias Literárias: 6º e 7º anos; III) Crônica: 8º e 9º anos; IV) Documentário: 1ª e 2ª anos do Ensino Médio; e V) Artigo de opinião: 3ª ano do ensino médio. Os textos analisados nesta pesquisa foram as crônicas, produzidas pelo 9º ano e as memórias literárias, elaboradas por alunos do 7º ao 9º ano, uma vez que o estudo desse gênero faz parte do conteúdo programático escolar dessas séries.

Os livros didáticos da Olimpíada de Língua Portuguesa, disponíveis em arquivo virtual, esclareciam que um dos objetivos desse programa é promover o incentivo ao diálogo dos alunos com as pessoas de suas comunidades, para que eles tivessem acesso às histórias sobre o lugar onde moram. Para elaborarem os textos de memórias literárias, os alunos realizaram entrevistas com pessoas mais velhas da sua comunidade ou de seu círculo social e, a partir desses registros, desenvolveram a narrativa escrita como se fossem os entrevistados, o que impossibilitou a identificação do narrador da história em alguns textos analisados neste estudo. Por isso, mais adiante, esse será o motivo pelo qual, na análise do fator extralinguístico “gênero do produtor do texto”, considerou-se o produtor do texto, ao invés do narrador propriamente dito. De acordo com o material digital disponibilizado no site da olimpíada, o gênero memórias literárias se define como:

textos produzidos por escritores que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. [...]. As narrativas, que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, são contadas da forma como são lembradas no presente. [...]. os alunos, por serem ainda muito jovens, irão recorrer, no desenvolvimento do tema, às memórias de pessoas mais velhas da comunidade. É importante, portanto, enfatizar, que os alunos não irão escrever suas próprias memórias, eles precisarão aprender a escrever como se fossem o próprio entrevistado. (CLARA, ALTENFELDER, ALMEIDA. 2019, p. 19).

De forma semelhante, as orientações da coleção de livros didáticos virtuais do programa mostram uma perspectiva mais ampla e flexível do gênero crônica, eventualmente sendo considerado muito próximo em relação à construção das memórias literárias:

A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom desprezioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido. Nossas crônicas são bastante diferentes daquelas que circulam em jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país. (SCHLATTER, LAGINESTRA, PEREIRA. 2019, p. 21).

É importante também informar que as narrativas que constituíram o *corpus* de análise para este estudo são textos em fase intermediária de produção da sequência didática da Olimpíada de Língua Portuguesa constituída por oficinas. São textos que estão passando pelo processo de reescrita sob a orientação do professor. A análise desses textos possibilita investigar

a frequência de ocorrência da variável presença/ausência do sujeito pronominal no âmbito escolar nessa etapa de produção, para esse contexto delimitado e situação específica. Resultados similares ou diferentes podem ser obtidos considerando outras delimitações em estudo.

3.2 Técnicas de Coleta dos dados

Esta segunda etapa consistiu em identificar nos textos as orações e períodos em que ocorre a variável nula ou preenchida do Sujeito Pronominal. Nesse procedimento, estabeleceram-se as seguintes delimitações:

- 1) Foram coletados apenas os sujeitos de 1ª pessoa do singular que apresentavam o pronome pessoal do caso reto (Eu);
- 2) Foram incluídos os sujeitos pronominais de 1ª pessoa do singular que estavam acompanhados de verbos em suas formas nominais (infinitivo e/ou gerúndio), tempo composto e de conjugação perifrástica;
- 3) Os verbos *Ter* e *Haver* que faziam parte de tempos compostos foram contabilizados na 2ª conjugação na codificação dos dados.

Em seguida, foram definidos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que serviriam de base para a descrição das ocorrências das variáveis analisadas e, também, para a quantificação dos dados no programa estatístico para a análise quantitativa, cujo procedimento é apresentado em 2.3. Para isto, os dados foram organizados em tabelas, que se distribuíram da seguinte forma: na primeira coluna foi colocado a sentença em análise e na segunda a descrição dos fatores linguísticos que ela apresenta, como é demonstrado no Quadro 1, que contém dois sujeitos pronominais nulos em um período composto por coordenação:

Quadro 1: Demonstração da análise dos dados

<p><u>Sai do município de Parintins com 19 anos e fui para Manaus.</u></p>	<ol style="list-style-type: none">1. Quantificação de sujeito: 22. Verbos e conjugações:<ul style="list-style-type: none">⇒ Sair – 3ª conjugação⇒ Ir – 3ª conjugação3. Pessoa, tempo, modo e número de cada verbo:<ul style="list-style-type: none">⇒ 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo⇒ 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo4. Período da sentença: Composto por Coordenação (2x)5. Tipo de oração:<ul style="list-style-type: none">⇒ Coordenada Assindética⇒ Coordenada Sindética6. Categoria do sujeito: Nulo (2x)7. Voz discursiva no texto: narrador do texto (2x)
--	--

CONTINUA

Quadro 1: Demonstração da análise dos dados

<u>Sai do município de Parintins com 19 anos e fui para Manaus.</u>	8. Antecedente dos sujeitos e dos verbos: ⇒ Início de sentença ⇒ Conjunção “e”.
	9. Produtor do texto: masculino

Fonte: organizado pela autora

Conforme se apresenta no Quadro 1, é identificada a quantidade de sujeitos apresentados pela sentença em análise e as manifestações dos grupos de fatores estabelecidos, sendo analisados do modo que se segue.

- 1. Quantificação de sujeito:** por vezes, o período onde o sujeito se encontra é composto, então houve casos de registro de mais de uma ocorrência na mesma sentença. A quantificação foi determinada segundo o número de sujeito encontrados ao todo, não pelo número de períodos.
- 2. Verbos e conjunções:** nesse caso, as informações eram diretamente sobre o verbo que acompanhava o sujeito, considerando, posteriormente em 2.3, a definição dos grupos de fatores para a quantificação dos dados.
- 3. Pessoa, tempo, modo e número de cada verbo:** os dados coletados foram delimitados para a 1ª pessoa do singular (Pessoa e Número). Portanto, os fatores que variaram durante as análises foram o Tempo e o Modo verbais.
- 4. Período da sentença:** conforme explicado em (1) quantificação de sujeito, foi significativa a frequência de mais de um sujeito pronominal numa mesma sentença. Como as análises consideraram as ocorrências pela quantidade de sujeito, houve uma divisão entre o período de toda a sentença a qual o(s) sujeito(s) encontrado(s) pertencia(m), e a(s) oração(ões) que compõe(m) todo este período.
- 5. Tipo de oração:** a ocorrência do sujeito em cada oração foi analisada computando da seguinte forma: oração absoluta (em períodos simples, com uma oração) ou composto (mais de uma oração, conforme suas devidas classificações).
- 6. Categoria do sujeito:** os sujeitos das orações analisadas são distribuídos em categorias Preenchida e Nula.
- 7. Voz discursiva no texto:** durante a coleta dos dados, constatou-se que poucos textos apresentaram mais de uma voz, nesse caso, marcada principalmente pelo discurso direto. A referência de 1ª pessoa não é sobre a retomada de algo que está sendo dito, mas sobre quem está falando no texto. As duas vozes de 1ª pessoa do singular identificadas ao longo das análises foram classificadas como: narrador do texto (que

narra a história sem destacar sua fala ou a fala de outra pessoa) e o Não narrador do texto (cuja fala aparece em destaque em algum momento da narrativa pelo narrador principal do texto e é marcada por recursos textuais de um discurso direto).

8. **Antecedente dos sujeitos e dos verbos:** neste grupo foi considerado os antecedentes do sujeito e do verbo (nos casos de sujeito não preenchido). Esse fator tem por objetivo verificar os condicionadores linguísticos que favorecem ou não cada uma das duas categorias analisadas.
9. **Produtor do texto:** refere-se ao grupo de fator extralinguístico gênero do produtor do texto especificamente, e não ao gênero do narrador da história.

3.3 Aplicação do Programa Estatístico *GoldVarb X*

Para o tratamento dos dados, foi utilizado o programa computacional *GoldVarb X*, o qual tem grande aplicabilidade aos trabalhos de abordagem sociolinguística que lida com uma quantidade volumosa de dados. O *software* faz parte de um pacote de programas chamado *Varbul* que foi desenvolvido por David Sankoff e Eric Smith e que servem para trabalhos de modelos quantitativos e/ou estatísticos:

O *Varbrul* (Variable rules analysis - “Análises de regras variáveis”) é um pacote estatístico desenvolvido por David Sankoff e Pascale Rousseau, em 1978, usado para descrever padrões de variação entre formas alternativas de uso da língua. [...] Atualmente esse programa se encontra disponível, livremente com o nome de *GoldVarb*. As versões *GoldVarb Lion* para Mac e *Goldvarb X* para Windows. (COELHO, 2015 *apud* BARROS, 2019, p. 119).

O *Goldvarb* trabalha com o sistema de codificações. Para analisar a variável em estudo, foram estabelecidos os grupos de fatores que poderiam condicionar a ocorrência ou não do sujeito pronominal, considerando resultados de outras investigações sobre o tema e o que foi sendo identificado durante a coleta dos dados. Para representar cada grupo de fator no programa estatístico, é necessário codificar cada um por um código (letra ou símbolo que seja aceito por esse *software*) a fim de que os dados inseridos pudessem ser processados pelo programa, ou seja, para que fossem efetuadas as “rodadas” (contabilização dos dados). As codificações estabelecidas são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Organização dos grupos de fatores

Grupo de Fator	Variável	Código
Variável Dependente	Sujeito Preenchido	\$
	Sujeito Nulo	T

CONTINUA

Quadro 2: Organização dos grupos de fatores

Grupo de Fator	Variável	Código
Conjugação Verbal	1ª Conjugação	1
	2ª Conjugação (incluindo os verbos ter e haver do tempo composto)	2
	3ª conjugação	3
	Conjugação Perifrástica	4
Tempo Verbal	Presente	G
	Pretérito Perfeito	P
	Pretérito Imperfeito	S
	Pretérito mais-que-perfeito composto	M
	Futuro do Presente	F
	Futuro do Pretérito	W
	Infinitivo – Forma Nominal	I
Gerúndio – Forma Nominal	N	
Modo verbal	Indicativo	+
	Subjuntivo	-
	Verbo em sua forma nominal	x
Período da sentença	Período Simples	s
	Composto por Coordenação	c
	Composto por Subordinação	v
	Composto Misto	m
Oração do sujeito	Oração Absoluta	0
	Oração Coordenada Assindética	@
	Oração Coordenada Sindética	!
	Oração Principal	*
	Oração Subordinada	&
Antecedente do sujeito	Advérbio (em início de orações, sentenças, acompanhados ou não de preposição, pronomes oblíquos, em forma sintética ou como aposto)	a
	Início de Oração e/ou período	i
	Conjunção Coordenativa “e”	e
	Conjunção Subordinativa “que”	q
	Outras Conjunções Coordenativas	r
	Outras Conjunções Subordinativas	b
	Pronomes [oblíquos ou demonstrativos]	p
	Conjunção “e” acompanhada de advérbio	d
	Conjunção “que” acompanhada de advérbio	k
	Outro antecedente	o
Voz discursiva no texto	Narrador do texto	N
	Não-narrador do texto	~
Gênero do produtor (fator extralinguístico)	Feminino	9
	Masculino	7

Fonte: organizado pela autora

Conforme dito, as variáveis desses grupos foram as que se mostraram mais relevantes para serem analisadas à medida que os dados foram coletados e/ou que foram significativas em

resultados de outras pesquisas sobre o tema. Para fins de visualização da codificação das ocorrências, o exemplo que foi dado no tópico 2.2 mostrou a presença de dois sujeitos pronominais, portanto foram efetuadas duas codificações:

Quadro 3: Exemplificação de Codificações dos Enunciados

<u>Sai do município de Parintins com 19 anos e fui para Manaus.</u>	Codificação:
	1) (T3P+c@in7
	2) (T3P+c!en7

Fonte: organizado pela autora

Todos os enunciados analisados foram codificados conforme a exemplificação apresentada no Quadro 3: inicia-se com a abertura de parêntese, pois o programa só reconhece o dado desta maneira. Na segunda coluna, aparece o código correspondente à variável dependente encontrada (T: sujeito nulo) e, da terceira coluna até a décima, segue-se a codificação dos outros grupos de fatores, cujos códigos são apresentados no Quadro 2. No exemplo dado no Quadro 3, a primeira codificação se refere à primeira ocorrência do sujeito encontrada na sentença em análise. Trata-se de um sujeito pronominal nulo cujo verbo correspondente é da 3ª conjugação (sair) e que está no pretérito perfeito do indicativo de um período composto por coordenação, em oração do tipo coordenada assindética; o sujeito pronominal “aparece” no início da sentença, a voz é do próprio narrador do texto e faz parte de um texto produzido por uma pessoa do gênero masculino. Assim sendo, após a exposição dos procedimentos metodológicos, o próximo tópico é voltado para a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção, são mostrados os resultados obtidos, organizados por meio de tabelas, de acordo com cada grupo de fator que foi considerado. Demonstra-se a frequência de ocorrência do fenômeno variável em estudo (sujeito preenchido e nulo) considerando os grupos de fatores, variáveis independentes, como favorecedores ou não de uma das variáveis dependentes. Na Tabela 1, é apresentado o resultado geral em relação às ocorrências das variáveis dependentes:

Tabela 1: Exposição geral dos resultados obtidos.

Categoria	Nº de Ocorrências
Sujeito Preenchido	78(19,6%)
Sujeito Nulo	320(80,4%)
Total de sujeitos analisados	398(100%)

Fonte: organizado pela autora

Retomando alguns conceitos do que foi dito na seção voltada para o aporte teórico, a variável dependente trata-se de um elemento linguístico que possui mais de uma variação, ou seja, mais de uma alternativa de uso dentro de sua própria língua; neste caso, as formas de uso do sujeito entre o seu preenchimento ou não são os objetos que se encaixam nesta definição. Enquanto isso, as variáveis independentes (que serão explanadas nos próximos tópicos) fazem parte de um grupo de fatores, tanto internos quanto externos à língua (respectivamente linguísticos e extralinguísticos), que contribuem para que uma variação de uso seja usada em determinado contexto linguístico e social.

4.1 Grupo de Fator Conjugação Verbal

Na tabela 2, é apresentado o resultado das ocorrências das variáveis dependentes em relação às conjugações verbais. Portanto, os resultados obtidos mostram as frequências dos sujeitos pronominais analisados para cada conjugação, a fim de verificar em quais delas cada sujeito é favorecido ou não.

Tabela 2: Resultados obtidos no grupo Conjugação Verbal

Grupo	Total de ocorrências		
	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
1ª conjugação	33 (17,8%)	152 (82,2%)	185 (46,5%)
2ª conjugação (incluindo os verbos <i>Ter</i> e <i>Haver</i> em períodos compostos)	28 (24,1%)	88 (75,9%)	116 (29,1%)
3ª conjugação	5 (10,9%)	41 (89,1%)	46 (11,6%)
Conjugação Perifrástica	12 (23,5%)	39 (76,5%)	51 (12,8%)

Fonte: organizado pela autora.

Todas as variáveis favoreceram o Sujeito Nulo, embora os verbos da 3ª conjugação tenham sido os mais receptivos, apresentando uma diferença de 78,2% entre as categorias de preenchido e nulo. A 2ª conjugação foi a que mostrou menor desfavorecimento ao sujeito preenchido, com uma diferença de 51,8% entre esse e a categoria nula.

É importante ressaltar que a coluna referente ao *total* indica as ocorrências de cada variável independente dentro do seu grupo. Para fins de demonstração: 46,5% de todos os verbos que foram coletados durante as análises pertencem à 1ª conjugação; o sujeito preenchido teve 17,8% de ocorrências em relação à 1ª conjugação, e o sujeito nulo teve 82,2% em relação à mesma conjugação. As tabelas foram organizadas dessa maneira porque o programa *goldvarb x* apresenta os resultados dessa forma. Segue-se a mesma lógica para todos os próximos grupos e tabelas.

3.2 Grupo de Fator Tempo Verbal

Na tabela 3, é mostrado os resultados da frequência das variáveis dependentes em relação aos Tempos Verbais. Sendo assim, as ocorrências apresentadas tratam-se da presença dos sujeitos pronominais analisados entre os tempos verbais que foram usados nas produções textuais. O Futuro do Presente e o Futuro do Pretérito favoreceram 100% o Sujeito Nulo, enquanto a Forma nominal Gerúndio favoreceu 100% o Sujeito Preenchido.

Tabela 3: resultados obtidos no grupo Tempo Verbal

Grupo Tempo Verbal	Nº de Ocorrências		
	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Presente	9 (10,3%)	78 (89,7%)	87 (21,9%)
Pretérito Perfeito	21 (11,6%)	160 (88,4%)	181 (45,5%)
Pretérito Imperfeito	41 (41,8%)	57 (58,2%)	98 (24,6%)
Pretérito mais-que-perfeito composto	2 (50%)	2 (50%)	4 (1%)
Futuro do Presente	–	3 (100%)	3 (0,8%)
Futuro do Pretérito	–	4 (100%)	4 (1%)
Forma Nominal Gerúndio	2 (100%)	–	2 (0,5%)
Forma Nominal Infinitivo	3(15,8%)	16(84,2%)	19 (4,8%)

Fonte: organizado pela autora.

De acordo com os resultados apresentados pela Tabela 3, o grupo de fator tempo verbal evidenciou o pretérito imperfeito como o maior favorecedor do Sujeito Preenchido. No caso do Pretérito mais-que-perfeito composto, a frequência foi igual para ambas. Enquanto isso, o Pretérito Perfeito foi o tempo verbal que mais favoreceu o Sujeito Nulo.

3.3 Grupo de Fator Modo Verbal

Na tabela 4 são apresentados os resultados das variáveis dependentes em relação aos Modos dos verbos que acompanham os sujeitos que foram analisados. Apesar da baixa ocorrência mostrada no modo subjuntivo, este fator foi considerado relevante para a pesquisa por mostrar uma possível realidade do sujeito pronominal em verbos no modo subjuntivo.

Tabela 4: Resultados obtidos no grupo Modo Verbal

Grupo Modo Verbal	Nº de ocorrências		
	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Indicativo	71 (19%)	303 (81%)	374 (94%)
Subjuntivo	2 (66,7%)	1 (33,3%)	3 (0,8%)
Forma Nominal	5 (23,8%)	16 (76,2%)	21 (5,3%)

Fonte: organizado pela autora

O sujeito nulo foi favorecido no modo Indicativo, mostrando uma diferença de 63,4% em relação ao sujeito preenchido. Houve três ocorrências no modo Subjuntivo, apontando favorecimento ao sujeito preenchido com 2 casos e uma ocorrência de sujeito nulo. As formas nominais dos verbos favoreceram o sujeito nulo em 76,2% dos casos. A forma nominal Gerúndio, tomada separadamente, favoreceu 100% a ocorrência de sujeito preenchido. Entretanto, a contabilização nesse grupo de fator é feita somando as ocorrências de Infinitivo, que favoreceram o uso do sujeito nulo.

3.4 Grupo de fator Período da Sentença

Na tabela 5 são mostrados os resultados das ocorrências dos sujeitos preenchido e nulo em relação aos períodos que eles estão inseridos. Como foi dito em 2.2, um período pode haver mais de um sujeito, por isso foi relevante considerar quais deles favorecem o preenchimento ou a anulação do sujeito.

Tabela 5: resultados obtidos no grupo Período da Sentença

Grupo	Nº de Ocorrências			
	Período da sentença do sujeito	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Período Simples		6 (27,3%)	16 (72,7%)	22 (5,5%)
Período Composto por Coordenação		17 (17,7%)	79 (82,3%)	96 (24,1%)
Período Composto por Subordinação		18 (24,7%)	55 (73,3%)	73 (18,3%)
Período Composto Misto		37 (17,9%)	170 (82,1%)	207 (52%)

Fonte: organizado pela autora

O sujeito nulo foi mais favorecido no período composto misto, apresentando uma diferença de 64,2% entre este e o sujeito preenchido. Enquanto isso, os preenchimentos de sujeito mostraram-se mais favorecidos em períodos Simples, mostrando uma diferença de 45,4% em relação à categoria vazia.

3.5 Grupo de fator Oração do Sujeito

Em relação ao grupo anterior, este é mais específico, pois as ocorrências mostradas dizem respeito às orações que compõem determinado período (onde os sujeitos foram encontrados). Portanto, na tabela 6, os resultados apresentam as frequências de sujeitos pronominais para cada tipo de oração mostrada. As orações absolutas correspondem ao período simples, por isso elas são as únicas variáveis independentes em comum que apresentam o mesmo número de ocorrências nos dois grupos.

Tabela 6: Resultados obtidos no grupo Oração do Sujeito

Grupo	Nº de Ocorrências			
	Oração do sujeito	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
	Oração Absoluta	6 (27,3%)	16 (72,7%)	22 (5,5%)
	Oração Coordenada Assindética	25 (19,2%)	105 (80,8%)	130 (32,7%)
	Oração Coordenada sindética	10 (11,5%)	77 (88,5%)	87 (21,9%)
	Oração Principal	16 (25,8%)	46 (74,2%)	62 (15,6%)
	Oração Subordinada	21(21,6%)	76(78,4%)	97(24,4%)

Fonte: organizado pela autora

Semelhante ao grupo anterior, o Sujeito Nulo obteve maior frequência em geral. O Sujeito Preenchido foi favorecido em orações absolutas (27,3%) em relação à ocorrência de outros condicionadores desse grupo de fator, mas ainda foi pouco expressivo quando considerado o percentual de Sujeito Nulo em orações absolutas (72,7%). Este último também foi significativamente favorecido em orações coordenadas sindéticas com uma diferença de 77% entre as duas categorias.

3.6 Grupo de Fator Antecedente do Sujeito

Na tabela 7 são mostradas as frequências das variáveis dependentes em relação ao antecedente do sujeito. Ressalta-se que as variáveis independentes colocadas na tabela são aquelas que se mostraram mais presentes durante a coleta dos dados, não abarcando, portanto, todos os antecedentes possíveis (estes foram contabilizados na variável “outros antecedentes”).

Tabela 7: Resultados obtidos no grupo Antecedente do Sujeito

Grupo	Nº de ocorrências			
	Antecedente do sujeito	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
	Vírgula [após o final de uma oração e/ou aposto)	10 (11,5%)	77 (88,5%)	87 (21,9%)
	Advérbio (no início ou no meio da oração, acompanhado ou não de preposição, com ou sem locução adverbial)	14 (24,1%)	44 (75,9%)	58 (14,6%)
	Início de Oração ou Período	18 (29%)	44 (71%)	62 (15,6%)
	Conjunção coordenativa “e”	4 (8,9%)	41 (91,1%)	45 (11,3%)
	Conjunção subordinativa “que”	5 (17,2%)	24 (82,8%)	29 (7,3%)
	Outras conjunções coordenativas	2 (10,5%)	17 (89,5%)	19 (4,8%)
	Outras conjunções subordinativas	13 (29,5%)	31 (70,5%)	44 (11,1%)
	Pronomes (oblíquos ou demonstrativos)	1 (20%)	4 (80%)	5 (1,3%)

CONTINUA

Grupo	Nº de ocorrências			
	Antecedente do sujeito	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Conjunção “e” acompanhada de advérbio		3 (30%)	7 (70%)	10 (2,5%)
Conjunção “que” acompanhada de advérbio		1 (9,1%)	10 (90,9%)	11 (2,8%)
Outros antecedentes		7(25%)	21(75%)	28(7%)

Fonte: organizado pela autora.

Os resultados apontaram maior frequência de Sujeito Nulo em todos os contextos analisados. Em referência à ocorrência de Sujeito Preenchido, os contextos mais favorecedores foram: 1) “conjunção “e” acompanhada de advérbio” – embora tenha havido somente 10 ocorrências e, dentre essas, 3 foram de sujeito preenchido –, seguido pelos antecedentes de “conjunções subordinativas” e “início de oração e/ou período”. No caso do Sujeito Nulo, o maior indicador de favorecimento foi “conjunção “e” (diferença de 82,2% em relação ao Sujeito Preenchido) seguido pela “conjunção “que” acompanhada de advérbio” como antecedente (diferença de 81,8%).

3.7 Grupo de fator Voz discursiva no texto

Conforme dito em 2.3, as variáveis independentes deste grupo se tratam de quem está narrando o texto. Portanto, apesar da segunda variável (não narrador) ter tido uma frequência baixa em relação à outra (narrador do texto), é possível perceber os resultados que ela apresenta na tabela 8 em relação às variáveis dependentes analisadas.

Tabela 8: Resultados obtidos no grupo Voz discursiva no texto

Grupo	Nº de ocorrências			
	Voz discursiva no texto	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Narrador do texto		71 (18,4%)	314 (81,6%)	385 (96,7%)
Não narrador do texto		7(53,8%)	6(46,2%)	13(3,3%)

Fonte: organizado pela autora

O “não narrador do texto” favoreceu plenamente o sujeito preenchido, com uma diferença de 7,6% em relação ao sujeito nulo (apenas 1 ocorrência a mais do que o outro). O narrador propriamente dito favoreceu a categoria vazia com uma diferença de 63,2%.

3.8 Grupo de fator Gênero do produtor do texto

Na tabela 9 são apresentados os resultados do único grupo cujas variáveis são extralinguísticas, porque outros fatores, como faixa etária e grau de escolaridade, já foram delimitados de modo homogêneo no estabelecimento da amostra da análise. Percebe-se de

antemão que a quantidade de sujeitos pronominais encontrados nos textos produzidos pelo gênero feminino se sobrepõe à quantidade produzida pelo masculino.

Tabela 9: resultados obtidos no grupo Gênero do produtor do texto

Grupo	Nº de ocorrências		
Gênero do produtor do texto	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Feminino	45 (20,6%)	173 (79,4%)	218 (54,8%)
Masculino	33 (18,3%)	147 (81,7%)	180 (45,2%)

Fonte: organizado pela autora

Como dito anteriormente, o gênero aqui considerado é referente ao produtor textual e não ao narrador. Baseado nisso, o sujeito preenchido foi mais favorecido no gênero feminino, enquanto o masculino optou pelo sujeito nulo com uma diferença de 63,4% em relação à categoria preenchida.

Após a demonstração dos resultados, observa-se que, entre as duas variações verificadas neste trabalho, a que se encontra em vigor é a categoria nula em todos os casos, exceto pela demonstração do fator “não narrador do texto”, que consta na tabela 8 deste artigo. Ainda assim, foi possível observar, também, as condições linguísticas e extralinguísticas que mais favoreceram o uso do sujeito preenchido dentro de seus respectivos grupos de fatores. Portanto, a pesquisa foi realizada considerando os conceitos de variação na sociolinguística apresentados no aporte teórico em relação à linguística do texto, e proporcionou uma visão da realidade no uso do sujeito pronome de 1ª pessoa na escrita escolar no contexto manauara, considerando todo o seu contexto de produção.

Considerações Finais

A análise do fenômeno variável do sujeito preenchido ou nulo foi realizada em um *corpus* constituído por narrativas elaboradas por alunos do ensino fundamental II, em uma fase intermediária da produção escrita no âmbito das oficinas de sequência didática da Olimpíada de Língua Portuguesa. Esses textos fazem parte do banco de dados do Programa PIBID/UEA, os quais foram cedidos para este estudo. Durante a análise, o fato de se analisar textos em fase que já tinham passado por uma etapa inicial de escrita possibilitou algumas reflexões que conduziram a uma perspectiva a mais para este estudo, a qual envolve o processo de produção da escrita na realidade escolar. Como os textos não estão em sua fase inicial, nem em sua fase final, considera-se que não há apenas a produção do aluno, mas também a interferência do professor. Portanto, a alta frequência de Sujeito Nulo pode ter sido resultado da influência ou

intervenção do professor na escrita do aluno, orientando-o a seguir um dos preceitos da produção escrita em língua portuguesa – que é evitar a repetição do sujeito para que o texto não se torne redundante –, mostrando-se conservadora em “evitar repetições pronominais”. Outros resultados poderiam ser obtidos em outras fases da produção textual (inicial ou final) e que devem ser investigados.

O resultado obtido evidenciou a significativa frequência do sujeito nulo em relação ao preenchido em todos os grupos de fatores analisados, o que mostra, considerando o *corpus* analisado, a manutenção da propriedade do português como uma língua *pro-drop* no contexto das línguas românicas, o que já não se pode afirmar de modo generalizado quando se trata da oralidade. Era de se esperar que, na escrita, houvesse uma predominância da variante nula em relação à preenchida, mas que esse favorecimento se realizasse de modo menos perceptível. Entretanto, os resultados apontaram para um distanciamento entre esses dois usos, favorecendo significativamente o sujeito nulo. Isso evidencia que, em comparação à Fala, na qual as ocorrências apontam para a preferência do preenchimento, a Escrita, no âmbito da produção textual escolar, de acordo com os resultados deste estudo, ocorre o inverso. Portanto, para compreender melhor esse fenômeno variável da ocorrência do sujeito pronominal de 1ª pessoa preenchido ou nulo no português brasileiro, é necessário ampliar os estudos que possuam, como objeto de análise, a escrita em ambientes escolares e externos para compreender os estágios desse processo na língua portuguesa. Uma das propostas para estes estudos pode ser a comparação das ocorrências dos sujeitos pronominais nos textos escritos à primeira mão em relação à frequência apresentada nos resultados referentes aos textos reescritos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nathalie Anne Conceição de. **A variação no âmbito do *irrealis* entre o futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no português falado em Santa Isabel do Rio Negro – Amazonas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes do Curso de Mestrado em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Manaus, 2019.

BONIFÁCIO, Carla Alecsandra de Melo; MACIEL, João Wandemberg Gonçalves. Fascículo: **Linguística Textual**. 1ª. ed. Editora Universitária UFPB, 2010. Meio Digital - Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/linguistica_textual_1360183766.pdf. Acesso em 07 de outubro de 2019 e <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/publicacoes/view/309>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

CABANA, Nasle Maria. **Estudo em tempo aparente e em tempo real do uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte**. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 2007 in Domínios de Lingu@gem – Revista Eletrônica de Linguística, v. 1, n. 1, 28 jan. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/608>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CEZARIO, Maria Laura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística *In* MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Anna Helena; ALMEIDA, Neide. **Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos**. 6º ed. São Paulo: Cenpec. (Coleção da Olimpíada), 2019. Meio digital. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8144/caderno-memorias.pdf>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo *in* MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado: UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: Estratégias de produção textual**. 2ª. ed. – São Paulo: Contexto, 2018.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília (org.); BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOVAES, Celso. **A representação mental do sujeito nulo no português do Brasil**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 1997 *In* Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.59-80, jul./dez. 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally; Albert Riedlinger (colaboração). 27. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLATTER, Margarete; LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos**. 6º ed. São Paulo: Cenpec. (Coleção da Olimpíada), 2019. Meio Digital. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8147/caderno-cronica.pdf>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto *in* FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018.